

# A DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE INTENCIONAL DA CONSCIÊNCIA NA OBRA PSICOLOGIA DESCRITIVA DE FRANZ BRENTANO

## THE DESCRIPTION OF THE INTENTIONAL ACTIVITY OF CONSCIOUSNESS IN THE WORK DESCRIPTIVE PSYCHOLOGY OF FRANZ BRENTANO

Evandro O. Brito<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo consiste em analisar algumas considerações de Chisholm sobre as mudanças presentes na definição brentaniana de *fenômeno psíquico*, tal como foi apresentada na obra *Psicologia Descritiva*. Para dar conta desta tarefa, exporemos a tese de Chisholm que aponta uma mudança na *doutrina da in-existência intencional do objeto* apresentada na *Psicologia do ponto de vista empírico* em 1874. A exposição desse ponto consistirá de três etapas. Mostraremos, na primeira etapa, que tal tese encontra essas mudanças na descrição brentaniana dos *fenômenos psíquicos* e as atribui ao abandono da ontologia aristotélico-tomista que fundamentava a *doutrina da in-existência intencional do objeto*. Apresentaremos, na segunda etapa, a nova definição brentaniana de *fenômeno psíquico* formulada na *Psicologia descritiva* e destacaremos o novo fundamento epistemológico apontado pela tese de Chisholm, ou seja, a *relação intencional* própria de todo ato psíquico. Finalmente, com o propósito de destacar a virtude da tese chisholmeana, nós utilizaremos seus pressupostos para interpretar um ponto específico da recepção de Descartes na *Psicologia descritiva*.

**Palavras-chave:** Franz Brentano. Chisholm. Descartes. Intencionalidade. Objeto intencional. Psicologia Descritiva.

**Abstract:** The aim of this paper is to examine some considerations about the changes presented by Chisholm in brentanian's definition of psychic phenomena, as it was presented in the Descriptive psychology works. To realize this task, I shall present the thesis of Chisholm that points out a change in the doctrine of intentional in-existence of the object, displayed in the Psychology of empirical Standpoint in 1874. The exposition of this point will consist of three stage. I will show, in the first stage, that this thesis of Chisholm points out these changes in the brentanian's description of psychic phenomena and assigns them to the abandon of the Aristotelian-thomistic ontology that grounded the doctrine of intentional in-existence of the object. I will present, in the second stage, the brentanian's new definition of psychic phenomena, formulated in the Descriptive Psychology and I will explicit the epistemological's new thesis pointed out by Chisholm, ie, the intentional relation of every psychic act itself. Finally, aiming to point out the plausibility of chisholm's thesis, I will use their assumptions for interpret a specific point in the reception of Descartes in the Descriptive Psychology.

**Keywords:** Franz Brentano. Chisholm. Descartes. Intentionality. Intentional object. Descriptive Psychology.

---

<sup>1</sup> Professor do Centro Universitário Municipal de São José – USJ – e doutorando em filosofia pela PUC-SP. Email: evandrobrito@yahoo.com.br

## 1. Introdução

O propósito deste texto é analisar algumas considerações de Chisholm sobre as mudanças presentes na definição brentaniana de *fenômeno psíquico*, tais como foram sustentadas nos textos que compõem a obra *Psicologia Descritiva*, escritos a partir de 1888. Para dar conta desta tarefa, exporemos a tese de Chisholm que aponta a recusa brentaniana à sua *doutrina da in-existência intencional do objeto*, apresentada na *Psicologia do ponto de vista empírico* em 1874.

Em seu texto de 1967, intitulado *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, Chisholm enfatiza que a tarefa fundamental do projeto brentaniano, ocupado com o desenvolvimento da filosofia do psíquico entre 1888 e 1901, era estabelecer as leis exatas e apodíticas como as leis da matemática e da lógica. Para compreendermos o modo como Brentano realizou esta tarefa assumida pela *Psicologia descritiva*, Chisholm sugere que voltemos à concepção brentaniana de *intencional*, começando com a *doutrina da in-existência intencional* que Brentano propôs em 1874 e abandonou subsequenteiramente. Segundo a análise de Chisholm, estava em jogo o fato de que em sua *Psicologia do ponto de vista empírico* Brentano propôs a doutrina da *in-existência intencional* como um meio ineficaz de distinção entre o mental (ou psíquico) e o físico. A exposição deste ponto consistirá de duas etapas. Mostraremos (em 2.) que a tese chisholmeana encontra esta recusa nas mudanças proposta por Brentano para a sua antiga descrição dos *fenômenos psíquicos*, pois estas mudanças resultaram do abandono da ontologia aristotélico-tomista que fundamentava a *doutrina da in-existência intencional do objeto*. Apresentaremos (em 3.) a nova definição brentaniana de *fenômeno psíquico* formulada na *Psicologia descritiva* e destacaremos o novo fundamento epistemológico apontado pela tese de Chisholm, ou seja, a *relação intencional* própria de todo ato psíquico. Finalmente, com o propósito de destacar a virtude da tese de Chisholm, utilizaremos seus pressupostos (em 4.) para interpretar o ponto fundamental da recepção brentaniana de Descartes na *Psicologia descritiva*, ou seja, a descrição de uma representação como *um ato intencional de consciência*. Para apresentar a interlocução entre Brentano e Descartes, analisaremos o *Esboço Psicognóstico*, texto resultante do curso ministrado na Universidade de Viena em setembro de 1901 e publicado como anexo 4 da obra *Psicologia descritiva*. Neste trabalho, Brentano explicitou claramente o ponto de convergência entre a análise cartesiana das atividades psíquicas e sua descrição das partes da consciência. Além

disso, Brentano considerou que a análise cartesiana descreveu corretamente o correlato de todo ato psíquico, encontrado por meio da distinção que explicita *as partes de correlatos intencionais*. Por isso, ele aproximou sua definição de ‘ato psíquico’ e ‘correlato do ato psíquico’ à definição de ‘ideae’ de Descartes.

## 2. A tese de Chisholm

Em seu texto de 1967, intitulado *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, Chisholm aponta o modo com Brentano estabeleceu a separação metodológica entre a *Psicologia genética* e a *Psicologia descritiva*, com o propósito de indicar a tarefa desta última. Em sua análise, Chisholm relembra os argumentos de Kraus e afirma que parte da tarefa atribuída à *Psicologia descritiva*<sup>2</sup> consistia em formular teoremas e leis exatas e apodíticas, tais como aquelas leis da matemática e da lógica.<sup>3</sup> O ponto relevante nesse argumento de Kraus recuperado por Chisholm é o seguinte. Ao destacar as leis exatas e apodíticas como *telos* da *Psicologia descritiva*, Chisholm enfatiza-as como tarefa fundamental do projeto brentaniano ocupado com o desenvolvimento da filosofia do psíquico entre 1888 e 1901. Assim, para compreendermos o modo como Brentano realizou esta tarefa assumida pela *Psicologia descritiva*, Chisholm sugere que “podemos voltar à concepção brentaniana de *intencional*, começando com a *doutrina da in-existência intencional* que ele propôs em 1874 e abandonou subsequentelemente”<sup>4</sup>. Ainda segundo a análise de Chisholm, estava em jogo o fato de que “em sua *Psychologie vom empirischen Standpunkt*, publicada

---

<sup>2</sup> Acerca dessas publicações, é interessante considerarmos as seguintes informações apresentadas por Chisholm, em 1982, na introdução de sua edição da *Deskriptive Psychologie* e, também em 1995, na segunda parte da introdução da edição inglesa (*Descriptive Psychology*) elaborada por Benito Müller. “Unfortunately, he did not publish a work entitled ‘Descriptive Psychology’, but many of his writings and dictations on the subject have been published in the various post-humous works in the Philosophische Bibliothek. And he gave several courses of lectures on the subject at the University of Vienna. Three different lecture manuscripts have been preserved. The first of these was given in 1887–8 and was entitled *Deskriptive Psychologie*. The second, entitled *Deskriptive Psychologie oder beschreibende Phänomenologie* was given in 1888–9. (Although the term ‘Phänomenologie’ occurred in the title, it does not seem to have been used in the lectures themselves.) The third, entitled simply *Psychognosie*, was given in 1890–1. The main text of the present book is taken from the lecture of 1890–1. The following material is added in the appendices: (1) the description of ‘inner perception’ from the lectures of 1887–8; (2) the general account of ‘descriptive psychology’ from the lectures of 1888–9; (3) ‘Of the Content of Experiences’ from the lectures of 1887–8; (4) ‘Psychognostic Sketch I’, from 1901; (5) ‘Psychognostic Sketch II’, also from 1901; and (6) an undated manuscript from the same general period entitled ‘Perceiving and Apperceiving’”. Brentano, Franz. *Descriptive Psychology*, p. xvi – xvii.

<sup>3</sup> Cf. Chisholm, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 1.

<sup>4</sup> “Now we may turn to Brentano's conception of the intentional, beginning with the doctrine of intentional in-existence which he propounded in 1874 and was subsequently to abandon. Chisholm, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 6.

pela primeira vez em 1874, Brentano propôs a doutrina da *in-existência intencional* como um meio de distinção entre o mental (ou psíquico) e o físico”<sup>5</sup>.

Para sustentar este argumento, Chisholm aponta e analisa a clássica passagem da *Psicologia do ponto de vista empírico*, onde Brentano apresentou a definição positiva de *fenômeno psíquico*. Esta definição dizia o seguinte.

Todo fenômeno psíquico está caracterizado por aquilo que os escolásticos da idade média chamaram de in-existência **intencional (ou mental) de um objeto** e que nós chamamos, se bem que com expressões não inteiramente inequívocas, **a referência a um conteúdo, a direção a um objeto** (pelo qual não se deve entender aqui uma realidade), ou **a objetividade imanente**. Todo fenômeno psíquico contém algo em si como seu objeto, ainda que nem todos do mesmo modo: na representação há algo representado; no juízo há algo admitido ou rechaçado; no amor, amado; no ódio, odiado; no apetite, apetecido, etc (grifo nosso).<sup>6</sup>

Apresentada a definição que sustenta a doutrina da *in-existência intencional*, a análise de Chisholm destaca três teses fundamentais nela pressupostas.

1. Nós temos aqui uma tese ontológica sobre a *in-existência intencional*, a qual Brentano abandonou posteriormente.<sup>7</sup>
2. Nós temos uma tese psicológica implicando que *referência a um objeto* é o que distingue entre o mental e o físico.<sup>8</sup>
3. Cada uma destas teses parece-me ser importante. A tese ontológica parece-me ser problemática e não, como Brentano pensou subsequenteiramente, ser obviamente falsa. A tese psicológica parece-me ser verdadeira.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> “Now we may turn to Brentano's conception of the intentional, beginning with the doctrine of intentional in-existence which he propounded in 1874 and was subsequently to abandon. In his *Psychologie vom empirischen Standpunkt*, first published in 1874, Brentano proposed the doctrine of intentional in-existence as a means of distinguishing the mental or psychical from the physical”. Chisholm, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 6.

<sup>6</sup> “Jedes psychische Phänomen ist durch das charakterisiert, was die Scholastiker des Mittelalters die intentionale (auch wohl mentale) Inexistenz eines Gegenstandes genannt haben, und was wir, obwohl mit nicht ganz unzweideutigen Ausdrücken, die Beziehung auf einen Inhalt, die Richtung auf ein Objekt (worunter hier nicht eine Realität zu verstehen ist), oder die immanente Gegenständlichkeit nennen würden. Jedes enthält etwas als Objekt in sich. obwohl nicht jedes in gleicher Weise. In der Vorstellung ist etwas vorgestellt, in dem Urteile ist etwas anerkannt oder verworfen, in der Liebe geliebt, in dem Hasse gehaßt, in dem Begehren begehrt usw.“ Brentano, Franz. *Psychologie vom empirisch Standpunkt*, Erster Band, p. 124 - 125.

<sup>7</sup> “We have here an ontological thesis concerning "intentional inexistence," which Brentano was later to abandon”. Chisholm, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 6.

<sup>8</sup> “We have here (...) a psychological thesis, implying that reference to an object is what distinguishes the mental from the physical”. Chisholm, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 6.

<sup>9</sup> “Each of these theses seems to me to be important. The ontological thesis seems to me to be problematic and not, as Brentano subsequently thought, to be obviously false. And the psychological thesis seems to me to be true”. Chisholm, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 6.

No que se refere especificamente ao (1) abandono da tese ontológica, Chisholm considera que o problema estava no seguinte fato.

O uso ontológico da palavra ‘intencional’, portanto, parece enfraquecer seu uso psicológico. Objetos intencionalmente inexistentes foram concebidos como tentativa de compreender **referência intencional**, mas a tentativa não foi bem sucedida porque os objetos assim concebidos eram intencionalmente in-existent (grifo nosso).<sup>10</sup>

Ainda que questionada de início, esta interpretação de Chisholm passou a ser fortemente aceita na última década. Por exemplo. Ela é um dos sustentáculos do *fenomenalismo metodológico brentiano* proposto por Peter Simon<sup>11</sup>. Ela é também um dos sustentáculos da diferença apontada por Tim Crane entre o conceito de intencionalidade defendido pelos realistas no século XX e o conceito de intencionalidade germinado pela filosofia brentiana do psíquico<sup>12</sup>. É preciso, no entanto, contextualizar a tese de Chisholm e ter em mente que ela aponta apenas um momento de transição ou, como definiu o próprio Brentano, uma etapa do desenvolvimento da sua *filosofia do psíquico* apresentada como *Psicologia Descritiva*<sup>13</sup>. Neste sentido, encontramos um eco da tese chisholmeana no trabalho de Chrudzimski e B. Smith, pois eles também reconhecem que, “esta teoria da intencionalidade do objeto plenamente desenvolvida dominou a leitura na Psicologia descritiva em 1890/1, na qual o objeto imanente foi descrito por Brentano como *correlato intencional*”<sup>14</sup> (grifo nosso).

Ao tomarmos esta indicação, podemos destacar o ponto central defendido no argumento de Chisholm. Trata-se, como afirmou Porta, do fato de que, “em 1891,

---

<sup>10</sup> “The ontological use of the word ‘intentional’, therefore, seems to undermine its psychological use. Intentionally inexistent objects were posited in the attempt to understand intentional reference, but the attempt did not succeed-precisely because the objects so posited *were* intentionally inexistent”. Chisholm, Roderick M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*, p. 12.

<sup>11</sup> Simons, Peter, *Introduction*, p. xvii, 1995.

<sup>12</sup> Crane aponta especificamente a interpretação de Quine e Field do seguinte modo. “Two classic examples are Quine’s remark that Brentano’s thesis of the intentionality of the mental is the claim that ‘there is no breaking out of the intentional vocabulary by explaining its members in other terms’ (1960: 220); and Hartry Field’s claim that Brentano thought it was impossible to give a ‘materialistically adequate’ account of the relation between a person and a proposition (1978: 78). Both Field and Quine link Brentano’s thesis of the intentional inexistence of the mental with physicalism in the 20th century sense. But as we shall see, physicalism was not one of Brentano’s concerns, and Field’s and Quine’s attributions bear little relation to what Brentano really said. Crane, Tim. *Brentano’s concept of intentional inexistence*, p. 1.

<sup>13</sup> „(Suas teses) seriam compreendidas não como uma continuação, mas como desenvolvimento da Psicologia do ponto de vista empírico”. „Die nicht als eine Fortsetzung, wohl aber als eine Fortentwicklung meiner "Psychologie vom empirischen Standpunkte" erscheinen wird“. Brentano, Franz. *Vom Ursprung Sittlicher Erkenntnis*, p. 56, nota 22 (final).

<sup>14</sup> “This full-fledged object theory of intentionality dominates the lecture on Descriptive Psychology on 1890/1 in which the immanent object is referred to by Brentano as ‘intentional correlate’. Chrudzimski, Arkadiusz e Smith, Barry. *Brentano’s ontology: from conceptualism to reism*, p. 206.

*intencional* já não era mais a propriedade de um objeto, mas antes uma *relação* na qual a *consciência* se encontrava”<sup>15</sup>.

### 3. A relação intencional

A tese defendida por Chisholm tem duas noções fundamentais da *Psicologia descritiva* no seu horizonte.

(1) A primeira delas é a noção de *relação intencional*, que resultou da reformulação da noção de *ato psíquico*. Vejamos.

Em 1890-1, no texto publicado com o título de *Psychognosie* e incorporado como primeiro capítulo da obra *Psicologia descritiva*, Brentano propôs a seguinte formulação para a noção de *relação intencional*.

Assim, a peculiaridade que, acima de tudo, é característica geral da consciência, é aquela que ela mostra sempre e em todo lugar, ou seja, em cada uma de suas partes, certo tipo de relação, relacionando um sujeito a um objeto. Esta relação também é referida como **relação intencional**. A toda consciência pertence essencialmente uma relação. Como em toda consciência, dois correlatos podem ser encontrados aqui. Um dos correlatos é o ato de consciência, o outro é aquilo para o qual ele está dirigido (grifo do autor).<sup>16</sup>

A novidade neste texto brentaniano foi a seguinte. Ao contrário do que ocorreu na *Psicologia do ponto de vista empírico*, a noção de *in-existência intencional (ou mental) de um objeto* deixou de ser utilizada na descrição do fenômeno psíquico apresentada na *Psicologia descritiva* em 1890. Em outras palavras, Brentano passou a considerar que a noção de *relação intencional* era suficiente para a descrição da *referência a um conteúdo*, a descrição da *direção a um objeto* ou a descrição da *objetividade imanente*.

(2) A segunda noção que sustenta a interpretação de Chisholm também foi apresentada no texto *Psychognosie*. Vejamos.

Este texto de 1890-1 apresentou a noção de ‘objeto imanente’ como uma nova formulação para a noção de ‘objeto intencional in-existente’. Assim, Brentano sistematizou a explicação do termo ‘objeto’ do seguinte modo.

---

<sup>15</sup> González Porta, Mario Ariel. *Franz Brentano. Equivocidad del ser y objeto intencional*. p. 111.

<sup>16</sup> “Vor allem also ist es eine Eigenheit, welche für das Bewußtsein allgemein charakteristisch ist, daß es immer und überall, d.h. In jedem seiner ablösbaren Teile eine gewisse Art von Relation zeigt, welche ein Subjekt zu einem Objekt in Beziehung setzt. Man nennt sie auch "intentionale Beziehung". Zu jedem Bewußtsein gehört wesentlich eine Beziehung. Wie bei jeder Beziehung finden sich daher auch hier zwei Korrelate. Das eine Korrelat ist der Bewußtseinsakt, das andere das, worauf er gerichtet ist”. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 21.

Explicação do termo objeto: algo interno dado objetivamente. Não necessita corresponder a alguma coisa fora. Para evitar confusões, pode-se chamá-lo objeto **in-existente** ou **imanente**. É algo (a) geral e (b) exclusivamente característico da consciência (grifo do autor).<sup>17</sup>

Em 1890-1, portanto, o correlato de um ato psíquico foi descrito como apenas como *objeto in-existente ou imanente* e não mais como *objeto intencional in-existente*. Segundo Chisholm, isto não apenas indica o abandono da *doutrina da in-existência intencional do objeto*, mas também apresenta a solução brentaniana para o enfraquecimento do uso psicológico da palavra intencional, visto que este enfraquecimento foi causado pelo uso ontológico desta mesma palavra. Deste modo, a análise de Chisholm nos leva a seguinte conclusão. Assim como a doutrina dos *objetos intencionalmente inexistentes* foi uma tentativa de compreender a *referência intencional* e definir os *fenômenos psíquicos*, o abandono e a reformulação desta doutrina pressupõem um novo modo de compreendê-la e uma nova descrição destes fenômenos.

Com base nesta análise, podemos considerar que Brentano propôs a solução deste problema ao apresentar, em 1889, a seguinte definição de *fenômeno psíquico* na obra *A origem do conhecimento moral*.

O traço comum característico de todo psíquico consiste naquilo que freqüentemente foi designado com o nome de consciência (expressão, infelizmente, muito exposta à mal entendidos), ou seja, **consiste em uma atitude do sujeito, em uma referência intencional** – tal como foi chamada – **a algo** que, ainda que **não** seja **real**, no entanto está dado interiormente **como objeto**. Não existe audição sem algo ouvido, nem crença sem algo crido, nem esperança sem algo esperado, nem aspiração sem algo a que se aspire, nem regozijo sem algo de que nos regozijemos, e assim sucessivamente (grifo nosso).<sup>18</sup>

Ao compararmos as duas definições de *fenômenos psíquicos* (1874 e 1889), tomando a interpretação de Chisholm como critério, explicita-se o fato de que o elemento relevante na definição de 1889 era a natureza epistemológica da *atitude do sujeito*, pois ela

---

<sup>17</sup> “Erläuterungen des Ausdrucks Objekt: etwas innerlich Gegenständliches ist gemeint. Draußen braucht ihm nichts zu entsprechen. Zur Verhütung von Mißverständnissen mag man es "inwohnendes" "immanentes" Objekt nennen. ' Es ist dies etwas a) allgemein und b) ausschließlich dem Bewußtsein eigenes”. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 22.

<sup>18</sup> „Der gemeinsame Charakterzug alles Psychischen besteht in dem, was man häufig mit einem leider sehr mißverständlichen Ausdruck Bewußtsein genannt hat, d. h. in einem subjektischen Verhalten, in einer, wie man sie bezeichnete, *intentionalen* Beziehung zu etwas, was vielleicht nicht wirklich, aber doch innerlich gegenständlich gegeben ist. Kein Hören ohne Gehörtes, kein Glauben ohne Geglaubtes, kein Hoffen ohne Gehofftes, kein Streben ohne Erstrebtes, keine Freude ohne etwas, worüber man sich freut, und so im Übrigen“. Brentano, Franz. *Vom Ursprung Sittlicher Erkenntnis*, p. 16.

consistia em uma referência intencional – tal como foi chamada – a algo dado interiormente como objeto. Por isso, podemos considerar que se tratou de uma reformulação conceitual, uma vez que a clássica definição de 1874 estabelecia como relevante o estatuto ontológico da noção de *in-existência do objeto intencional*.

Apesar desta diferença radical na definição de *fenômeno psíquico*, as funções atribuídas à noção de *intencional* permaneceram as mesmas. Suas funções consistiam, ainda, (1) em definir positivamente os fenômenos psíquicos frente aos físicos, bem como (2) distinguir e descrever os tipos de fenômenos que constituíam a atividade psíquica. Portanto, a noção de *referência intencional* assumiu novamente a função de critério para a definição positiva e classificação dos fenômenos psíquicos. Deste modo, a interpretação de Chisholm torna-se plausível por meio das seguintes palavras de Brentano.

Assim como, nas intuições de conteúdo representativo físico, as qualidades sensíveis oferecem numerosas diferenças, assim também diferenças são oferecidas pelas **referências intencionais** das intuições de conteúdos psíquicos. Assim como nas primeiras o número dos sentidos se estabelece a partir das diferenças mais profundas entre as qualidades sensíveis (que Helmholtz chamou de diferenças de modalidade), assim também, nas segundas, o número de classes fundamentais de fenômenos psíquicos fica estabelecido pelas diferenças mais profundas entre as **referências intencionais**. De acordo com isto, existem três classes de fenômenos psíquicos (grifo nosso).<sup>19</sup>

Além de apontar o abandono da tese ontológica e a radicalização da tese epistemológica por meio da formulação da noção *relação intencional*, a interpretação de Chisholm tem outra virtude. Ela destaca que, em 1889, Brentano deixou de reconhecer a doutrinas aristotélicas e escolásticas como origem da *in-existência intencional do objeto*, nesta classificação de 1889. De modo mais específico, a interpretação de Chisholm torna coerente o fato de que, na *Psicologia do ponto de vista empírico*, o critério de classificação dos fenômenos psíquicos foi atribuído integralmente à Aristóteles e sua tradição, mas, na *Origem do conhecimento moral* (1889), o estagirita foi citado apenas como precursor deste critério<sup>20</sup>. Pois, disse Brentano, que

---

<sup>19</sup> „Wie bei den Anschauungen mit physischem Vorstellungsinhalt die sinnlichen Qualitäten, so zeigen bei denen mit psychischem Inhalt die intentionalen Beziehungen mannigfaltige Unterschiede. Und wie dort nach den tiefgreifendsten Unterschieden der sinnlichen Qualitäten (die Helmholtz Unterschiede der Modalität genannt hat) die Zahl der Sinne, so wird hier nach den tiefgreifendsten Unterschieden der intentionalen Beziehung die Zahl der Grundklassen der psychischen Phänomene festgestellt“. Brentano, Franz. *Vom Ursprung Sittlicher Erkenntnis*, p. 16 – 17.

<sup>20</sup> „Auch von dieser Lehre finden sich die ersten Keime bei Aristoteles, vgl. insbes. Metaph. Δ, 15, p. 1021 a 29. Der Terminus ‚intentional‘ stammt, wie so manche andere Bezeichnung wichtiger Begriffe, von den Scholastikern her“. Brentano, Franz. *Vom Ursprung Sittlicher Erkenntnis*, p. 54, nota 19.



Também se encontra em Aristóteles os primeiros germes desta doutrina. Conferir principalmente *Metafísica*, Δ, 15, 1021, a 29. O termo **intencional** procede dos escolásticos, como um bom número de outras denominações de conceitos importantes (grifo do autor).<sup>21</sup>

Se esta interpretação de inspiração chisholmeana é plausível, outras afirmações textuais presentes nos textos brentanianos de 1889, 1890 e 1891 se tornam compreensíveis. Basta mencionar dois exemplo. Ela torna compreensíveis as afirmações textuais que orientaram a classificação dos fenômenos psíquicos pela análise cartesiana e não mais pela análise aristotélica. Do mesmo modo, ela também torna compreensível o motivo pelo qual a originalidade desta descoberta passou a ser atribuída efetivamente à Descartes, tal como fez Brentano por meio das seguintes palavras.

Em suas *Meditações*<sup>22</sup>, Descartes foi o primeiro a expô-las (as três classes de fenômenos psíquicos) exata e integralmente. No entanto, suas observações não foram suficientemente entendidas e caíram imediatamente no esquecimento, até que em nossa época, o fato foi redescoberto, independentemente dele. Hoje se pode considerar como suficientemente assegurado.<sup>23</sup>

A possibilidade de compreendemos a recepção de Descartes na *Psicologia descritiva* também pode ser concebida como um modo de exemplificar uma das virtudes da tese chisholmeana. Por isso, utilizaremos os pressupostos da tese de Chisholm para interpretar um ponto específico desta recepção e, assim, justificar as virtudes que atribuímos a ela.

#### **4. A recepção de descartes na *Psicologia Descritiva***

---

<sup>21</sup> „Auch von dieser Lehre finden sich die ersten Keime bei Aristoteles, vgl. insbes. *Metaph.* Δ, 15, p. 1021 a 29. Der Terminus ‚intentional‘ stammt, wie so manche andere Bezeichnung wichtiger Begriffe, von den Scholastikern her“. Brentano, Franz. *Vom Ursprung Sittlicher Erkenntnis*, p. 54, nota 19.

<sup>22</sup> Brentano apresenta a seguinte citação como base textual: “Cumpro aqui que eu divida todos os meus pensamentos em certos gêneros e considere em quais destes gêneros há propriamente verdade ou erro. Entre meus pensamentos, alguns são como as imagens das coisas, e só àqueles convém propriamente o nome de idéia: como no momento em que eu represento um homem ou uma quimera, ou o céu, ou um ano, ou mesmo Deus. Outros, além disso, têm algumas outras formas: como, no momento em que eu quero, que eu temo, que eu afirmo ou que eu nego, então concebo efetivamente uma coisa como o sujeito da ação de meu espírito, mas acrescento também alguma outra coisa por esta ação à idéia que tenho daquela coisa; e deste gênero de pensamentos, uns são chamados vontades ou afecções, e outros juízos. . Descartes, René. *Meditações*, III § 5 – 6.

<sup>23</sup> „Danach gibt es drei Grundklassen. Descartes in seinen Meditationen hat sie zuerst richtig und vollständig aufgeführt; aber auf seine Bemerkungen wurde nicht genügend geachtet, und sie waren bald ganz in Vergessenheit geraten, bis in neuester Zeit die Tatsache unabhängig von ihm wieder entdeckt wurde. Sie darf wohl heutzutage als hinreichend gesichert gelten“. Brentano, Franz. *Vom Ursprung Sittlicher Erkenntnis*, p. 17.

Para apresentar a interlocução entre Brentano e Descartes, analisaremos o *Esboço Psicognóstico*, texto resultante do curso ministrado na Universidade de Viena em setembro de 1901<sup>24</sup> e publicado como anexo 4 da *Deskriptive Psychologie*. Neste trabalho, Brentano explicitou claramente o ponto de convergência entre a análise cartesiana das atividades psíquicas e sua descrição das partes da consciência orientada pela sua análise da relação entre as partes e o todo da consciência. Brentano considerou que a análise cartesiana descreveu corretamente o correlato de todo ato psíquico, encontrado por meio da distinção que explicita *as partes de correlatos intencionais*. Por isso, ele aproximou sua definição de *correlato do ato psíquico* à definição de Descartes.

O elemento fundamental para a descrição das atividades psíquicas foi a *relação intencional* entre *ato e correlato da consciência*. Por esse motivo, segundo a interpretação de Brentano já mencionada<sup>25</sup>, o valor da análise cartesiana estava no fato de ser a primeira a apresentar uma divisão das classes constituintes das atividades psíquicas, determinada por aquilo que o seu critério para análise das partes descrevia como *partes da consciência* constituintes dos *pares de correlatos intencionais*. Vejamos pontualmente a exposição brentaniana sobre a primeira classe de fenômenos psíquicos.

Brentano inicia sua análise identificando sua noção de representação (como ato de representar) à noção cartesiana de *ideae* por meio das seguintes palavras.

A primeira classe é a das representações no sentido mais amplo da palavra (as **ideae** de Descartes). Compreende tanto as representações intuitivas concretas, por exemplo, aquelas oferecidas pelos sentidos, como os conceitos mais distantes da intuição (grifo nosso).<sup>26</sup>

Para justificar a identificação da classe das representações com as *ideae* de Descartes, Brentano valeu-se dos seguintes argumentos encontrados na terceira meditação.

Entre meus pensamentos, alguns são como imagens das coisas, e só àqueles convém propriamente o nome de idéia: como no momento em que eu represento um homem ou uma quimera, ou o céu, ou um anjo, ou mesmo Deus. (...) Agora, no que concerne às idéias, se as considerarmos somente nelas mesmas e não as relacionamos a alguma outra coisa, elas

<sup>24</sup> As referências apresentadas pelo editor Chisholm são as seguintes. "PSYCHOGNOSTIC SKETCH Outline of a psychognosy, begun on 4 September 1901 and finished on 7 September 1901. From the *Nachlass*. Registered as Ps 86".

<sup>25</sup> Cf. Brentano, Franz. *Vom Ursprung Sittlicher Erkenntnis*, p. 17..

<sup>26</sup> „Die erste Grundklasse ist die der Vorstellungen im weitesten Sinne des Wortes (Descartes' *ideae*). Sie umfaßt die konkret anschaulichen Vorstellungen, wie sie uns z. B. die Sinne bieten, ebenso wie die unanschaulichsten Begriffe“. Brentano, Franz. *Vom Ursprung Sittlicher Erkenntnis*, p. 17.

não podem, propriamente falando, ser falsas; pois, quer eu imagine uma cabra ou uma quimera, não é menos verdadeiro que eu imagino tanto uma como outra.<sup>27</sup>

Analisemos um pouco mais os detalhes que envolvem essa análise brentaniana acerca dessa definição apresentada por Descartes. Tomaremos dois pontos específicos na análise de Gérard Lebrun acerca da noção cartesiana de *ideae*: (a) a descrição do estatuto objetivo do correlato da *ideae*; (b) a descrição do modo de existência desse correlato, como um modo de ser destituído de realidade.

Lebrun esclarece, primeiramente, que Descartes usou a noção de *ideae* de dois modos distintos. Isso significa que seria preciso identificar o uso meramente ilustrativo, adotado quando Descartes se referiu à noção de *ideia* como cópia de um original. E, além disso, seria preciso identificar o uso de *ideia* como uma função assimétrica (ou, como definiu Brentano, a *relação intencional*). Após a identificação desses dois usos, seria fundamental não confundi-los. Assim, Lebrun tem como base de sua análise a seguinte passagem das *Meditações*:

Esta definição da idéia como cópia na qual se anuncia um original (a idéia-quadro) reaparecerá muitas vezes nesta Meditação. Importa tanto mais sublinhar que os termos ‘como uma imagem’ constituem apenas uma comparação destinada a explicar a função da idéia. Não se trata, de forma alguma, de assimilar a idéia intelectual à imagem sensível.<sup>28</sup>

Seria preciso reconhecer, insiste Lebrun, o fato de que precisamente na passagem citada acima a função da *ideae* é definida *como uma imagem*. Além disso, para obtermos a correta compreensão acerca do que Descartes pretendeu, seria preciso considerar seu protesto contra Hobbes apresentado nas *Terceiras Respostas*: "Pelo nome de idéia, ele (Hobbes) quer somente que se entendam aqui as imagens das coisas materiais pintadas na fantasia corpórea"<sup>29</sup>. De fato, era essa definição hobbeseana que interessava a Descartes refutar, pois a intenção de Hobbes podia ser resumida na formulação da seguinte implicação. "Sendo isso suposto (idéias são pinturas na fantasia), é-lhe fácil mostrar que não se pode ter nenhuma idéia própria e verdadeira de Deus nem de um anjo..."<sup>30</sup>.

Se utilizarmos uma terminologia brentaniana para expor a análise de Lebrun, podemos dizer que Descartes apontou o seguinte equívoco hobbeseano. Hobbes não

---

<sup>27</sup> Descartes, René. *Meditações*, p. 109.

<sup>28</sup> Idem, *Ibidem*, nota 52.

<sup>29</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>30</sup> Idem, *Ibidem*.

concebeu que *ideae* seria uma *relação intencional* constituída por dois pares de correlatos (*ideia* como representação e *ideia* representada) e, por isso mesmo, encontrou na descrição cartesiana apenas o último elemento do par de correlatos intencionais, ou seja, a *ideia* representada. Se essa relação intencional tivesse sido concebida por Hobbes, ele teria percebido que o termo *ideae* tinha sido apresentado justamente por ser capaz de definir as relações que estruturavam as atividades psíquicas como “[...] eu represento um homem ou uma quimera, ou o céu, ou um anjo, ou mesmo Deus”<sup>31</sup>.

Foi exatamente nesse ponto que Brentano encontrou a precisão da definição cartesiana, pois o segundo ponto fundamental estava no novo estatuto daquilo que constituía o correlato do ato de representar: a objetividade. Assim, para Brentano, esse estatuto de objetividade explicitava-se na afirmação de Descartes, quando ele sustentou que “[...] quer eu imagine uma cabra ou uma quimera, não é menos verdadeiro que eu imagino tanto uma como outra”<sup>32</sup>. Vejamos os detalhes desse segundo ponto.

Ainda, como esclarece Lebrun, se essa definição cartesiana reconheceu apenas o caráter objetivo do correlato do ato de representar, então, no que concernia às *ideias* consideradas em si mesmas, “[...] elas não poderiam, propriamente falando, ser falsas”<sup>33</sup>, uma vez que a atribuição de verdade ou falsidade cabe ao juízo. Para Brentano, esse foi outro ponto fundamental da análise cartesiana, pois a restrição da verdade e falsidade à esfera de atividade psíquicas do juízo era outro modo de estabelecer a não existência de relação entre os elementos que compõem a *ideae* e algo exterior à consciência. Desse modo, tal como sustentou Descartes, “[...] se eu considerasse as ideias apenas como certos modos ou formas de meu pensamento, sem querer relacioná-las a algo de exterior, mal poderiam elas dar-me ocasião de falhar”<sup>34</sup>. Assim, portanto, restrita à atividade do *cogito*, a *ideae* possuía, como afirma Lebrun, uma *realidade objetiva* ou valor objetivo. Foi justamente essa objetividade que Brentano concebeu como *existência não real* do *objeto imanente*, abandonando definitivamente a terminologia aristotélico-tomista.

O exposto é suficiente para apresentar a descrição da primeira classe de atividade psíquica e o modo como Brentano recepciona um dos conceitos cartesianos na obra *Psicologia Descritiva*.

---

<sup>31</sup> Idem, René. *Meditações*, p. 109.

<sup>32</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>33</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>34</sup> Idem, *Ibidem*.

## 5. Considerações finais

A tese de Chisholm, ainda que seja parcialmente negativa e afirme apenas o abandono dos fundamentos ontológicos aristotélico-tomistas, possui outra virtude. Ela apresenta os três problemas centrais que a *Psicologia descritiva* pretendeu resolver e recoloca as seguintes questões.

(1) Como Brentano restabeleceu a objetividade da apreensão imediata dos *fenômenos psíquicos* assegurada pela *doutrina da in-existência intencional do objeto*?

(2) Ainda que o caráter objetivo do conhecimento estivesse assegurado por meio da descrição da *relação intencional* constituinte do fenômeno psíquico, como Brentano lidou com a indistinção entre o conteúdo e o objeto que caracterizavam o correlato do ato de representar?

(3) Como Brentano redefiniu o modo de ser dos *fenômenos físicos*, uma vez que seu estatuto ontológico havia sido abandonado?

Ao considerar as questões acima como problemas centrais da *Psicologia descritiva*, podemos considerar que o próprio Brentano se ocupou de resolver os problemas deixados pela sua *Psicologia do ponto de vista empírico*. Assim, tal como fizeram Husserl, Meignon e Twardowisk, por exemplo, o próprio Brentano também levou adiante o desenvolvimento do seu primeiro projeto.

## REFERÊNCIAS

- BRENTANO, F. *Deskriptive Psychologie*. Hamburg: Feliz Meiner, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Descriptive Psychology*. Trad. Benito Müller. New York: Routledge, 1995.
- \_\_\_\_\_. *El porvenir de la filosofía*. Trad. X. Zuribi. In: *El Porvenir de la filosofía*, Madrid: Revista de Occidente, p. 35 – 84, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Psychologie vom empirisch Standpunkt: Erster Band*. Hamburg: Feliz Meiner, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia desde un punto de vista empírico*. Trad. Hernán Scholte. Madrid: Universidade Complutense. Disponível on-line em <http://fs-morente.filos.ucm.es/publicaciones/recursos/Brentano.pdf>.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia desde un punto de vista empírico*. Trad. José Gaos. Madrid: Revista de Occidente, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Psychologie du point de vue empirique*. Trad. Mauricio de Gardillac. Aubier: Paris, 1944.
- \_\_\_\_\_. *Vom Ursprung sittlicher Erkenntnis*. 4. ed. Hamburg: Feliz Meiner, 1969.
- \_\_\_\_\_. *El origen del conocimiento moral*. Trad. Manuel G. Morentes. Madrid: Editorial Tecnos, 2002.
- CRANE, T. *Brentano's concept of intentional inexistence*. Disponível on-line em [http://web.mac.com/cranetim/Tims\\_website/Online\\_papers\\_files/Crane%20on%20Brentano.pdf](http://web.mac.com/cranetim/Tims_website/Online_papers_files/Crane%20on%20Brentano.pdf).

- CHISHOLM, R. M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*. In: *Phenomenology and Existentialism*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, p. 1–24, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Brentano and Intrinsic Value*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Intentional Inexistence*. In: MCALISTER, Linda. *The Philosophy of Brentano*. London: Duckworth, p. 140-150, 1976.
- CHRUDZIMSKI, A.; SMITH, B. *Brentano's ontology: from conceptualism to reism*, in: *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 197 – 219, 2004.
- DESCARTES, R. *Meditações*. Trad. J. Guinsburg e B. Prado Junior. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1973.
- PORTA, M. A. G. *Franz Brentano: equivocidad del ser y objeto intencional*. Belo Horizonte: Kriterion Revista de Filosofia [online], vol.43, n.105, p. 97-118, 2002.
- SIMONS, P. *Introduction*, In: BRENTANO, Franz. *Descriptive Psychology*. Trad. Benito Müller. New York: Routledge, 1995.